

Introdução

A testemunha

O profeta

As nações

O povo de Israel

O remanescente

O Cristo

Deus

INTRODUÇÃO

O livro do profeta Jonas não contém propriamente profecia. Ou melhor, contém apenas uma que não foi cumprida por causa do arrependimento dos habitantes de Nínive.

Cem anos mais tarde, outro profeta, Naum, tornou a pronunciar o julgamento, anteriormente suspenso, contra esta grande cidade, julgamento que só foi executado um século depois, aproximadamente. Não é na sentença de Nínive que se deve procurar o ensino principal do livro de Jonas.

Desde o início até ao fim, este livro apresenta-nos a própria pessoa do profeta. Esta circunstância, ligada ao fato notável que o livro nos fala dos caminhos de Deus EM GRAÇA para com as nações, o aponta como único entre os profetas do Antigo Testamento. Quanto a Jonas, vemo-lo como a profecia em ação. Ele é um homem sinal e também um homem tipo.

Antes de outras coisas, vemos nele a imagem de seu próprio povo rejeitado, afundado na angústia e logo saindo ressurreto das profundezas do abismo.

Na pessoa de Jonas, a testemunha que se afasta de Deus, o profeta orgulhoso, o povo culpado, o remanescente arrependido passam sucessivamente perante os nossos olhos, atravessando a cena das nações e mais ainda, um personagem misterioso, “um

maior do que Jonas”, entra e sai ressurreto para a libertação do povo de Deus.

E, como ponto culminante deste maravilhoso relato, encontramos uma revelação do próprio Deus; aprendemos a reconhecer Sua providência, Sua santidade, Sua justiça em juízo, Sua grande paciência, Sua Graça, Sua última palavra de todos os caminhos para com o homem, para com Israel e as nações.

O que acabamos de dizer explica a divisão do assunto em sete capítulos: A Testemunha, O Profeta, As Nações, O Povo de Israel, O Remanescente, O Cristo, Deus.

.oOo.

A TESTEMUNHA

Entre o homem pecador, vindo a ser tal por sua queda, e o homem santo, vindo a ser tal pela fé no Salvador e em virtude da redenção, há uma imensa diferença.

O Adão inocente e responsável (antes da queda) por permanecer na dependência de Deus ainda continua responsável depois de ter perdido (na queda) sua inocência e sua dependência, mas, como pecador, agora adquiriu o conhecimento do bem e do mal, isto é, uma consciência que o julga.

Esta consciência o faz inescusável e o condena. Ele conhece o bem e o mal, mas, como homem pecador e responsável, só lhe resta a incapacidade absoluta de fazer o bem e a vontade de fazer o mal.

Bem diferente é o crente, o homem santo, a testemunha de Deus neste mundo. Embora tenha em si mesmo a

natureza pecaminosa do primeiro Adão, pela fé recebeu uma natureza nova, a vida divina, o Espírito de Deus, poder nesta vida e a capacidade de fazer o bem e de resistir o mal. Isto o torna duplamente responsável.

Sua consciência o adverte do bem e do mal. Então ele tem duas alternativas: pode obedecer à direção do Espírito Santo e da nova vida que possui ou obedecer à carne que está nele.

Se ele é duplamente responsável, também é duplamente inescusável de pecar, pois que o poder do Espírito e do novo homem está à sua disposição, o qual é mil vezes superior ao da carne e do velho homem.

As consequências do pecado são diferentes para o homem pecador que anda na carne e para o crente, se é que ele anda na carne, sendo que possui o poder de andar segundo o Espírito.

O pecador só pode esperar a morte e o juízo; o santo, se peca, encontra o castigo ou a disciplina de Deus que se exerce para com ele e para com todos os crentes a fim de não serem “condenados com o mundo” (1 Coríntios 11.32).

Tal era ao caso de Jonas. Era um crente, um santo; tinha a vida de Deus; estava em comunhão com Deus; um testemunho lhe tinha sido confiado; mas, colocado perante o mandamento do Senhor, deixa-se desviar dele pela vontade da carne, que é inimizada contra Deus.

Embora sendo um crente e uma testemunha, não age melhor do que Adão, enganado por Satanás, desobedece a um mandamento formal de Deus. Seu caso é até pior do que o do inocente Adão, pois, seduzido pelo diabo, pois que pela fé possui a nova natureza, que é capaz de escolher o bem e recusar o mal e a sedução.

Adão desobedece a Deus e tem a audácia de arrumar um pretexto para isso (Gênesis 3.12); Jonas desobedece a Deus e

se atreve a dar-Lhe a razão por sua desobediência (Jonas 4.2); mas nenhum desculpa, nenhum motivo é válido perante Deus para desobedecer-Lhe e muito menos é o motivo de um santo em relação com o motivo do primeiro Adão, pois que, desde o início de sua vida espiritual, um santo possui a obediência pela qual é salvo (Romanos 1.5) e desde o primeiro passo de sua carreira é antificado pelo Espírito Santo para a obediência de Jesus Cristo (1 Pedro 1.2), isto é, para obedecer como Ele.

Para Jonas, como para Adão, a primeira consequência da desobediência é a mesma. Adão foge e se esconde por trás das árvores do Jardim; Jonas resolve fugir para Tarsis para fugir da face do Senhor (1.3). Qual destas atitudes é a pior?

Sem dúvida, é a segunda, pois Jonas é um santo e mantém relacionamento habitual e íntimo com Deus. Ele foge do seu melhor Amigo para evitar atender Seu desejo. Quanto sofrimento um ato como este inflige Àquele que nos ama.

Precisamente ali onde Adão e Jonas fracassaram, um Homem permanece em pé, um Homem que nem sequer tinha necessidade de um mandamento incisivo para obedecer, embora guardasse todos os mandamentos de Seu Pai (João 15.19); um Homem que fazia a vontade do Pai, mesmo sem que Este Lho pedisse. “Aqui estou”, disse Ele, “para fazer a Tua vontade” (Hebreus 10.7).

Isto é mais do que obediência; é vontade de um fundindo-se e sendo absorvida pela vontade de outrem, identificando-se com ela e alimentando-se com dela. “A Minha comida consiste em fazer a vontade dAquele que Me enviou e realizar a Sua obra” (João 4.34).

A segunda consequência da desobediência de Adão não se fez esperar. Querendo ou não, ele tem de comparecer, em sua nudez, perante a face dAquele de Quem fugia e tem que ouvir Seu decreto. Este é irrevogável, embora a graça o possa remediá-lo.

Adão comparece perante Deus antes que a sentença seja executada e isso o salva. Ele encontra recursos em Deus, que tem vestidos de justiça para ele e para sua mulher. Jonas, com sua fuga, atrai sobre si um castigo infinitamente mais penoso que o do primeiro Adão. É necessário que os filhos de Deus se lembrem deste fato e que o considerem.

Sigamos por um instante este homem de Deus em sua viagem para Tarsis, onde tem algumas experiências difíceis. Encontramo-lo quando “pagou a passagem” (1.3), cumprindo suas obrigações para com os homens, enquanto estava em falta para com Deus.

Observemos que o cumprimento destes deveres tem como resultado aumentar ainda mais a distância que separa Jonas do Senhor. Muitas vezes é assim: “paga-se a passagem”, estando possuído de um espírito de rebeldia e, ao cumprir certas obrigações, a pessoa esconde de si mesma uma obrigação superior: a de obedecer a Deus.

As pessoas cumprem com suas obrigações para com a família e para com a sociedade, para com a cidade e para com a nação; apesar de serem obrigações respeitáveis, o seu cumprimento não justifica o desobedecerem, uma ordem formal de Deus.

Esta ordem é darmos um testemunho. Jonas foi chamado para ser a testemunha de Deus para o mundo. Um testemunho para Cristo é, realmente, o que Deus busca do meio de um mundo de pecado e afastado dEle, de um mundo que corre para o juízo.

Este é um dos pontos importantes do livro de Jonas. O mundo é condenado, mas, antes da execução da sentença, Deus quer que os Seus testemunhem de Sua justiça para que se produza o arrependimento nos corações e para que Ele possa operar em graça.

Em tempos remotos, Deus confiou este testemunho a Israel, Seu povo; tendo este desobedecido, Deus o coloca nas

mãos da Igreja. Esta Igreja abandona a verdade e vem a ser a Cristandade apóstata, assunto de que o Antigo Testamento não trata.

Finalmente, um remanescente judaico torna-se uma fiel testemunha futura do Senhor às nações, coisa que, no passado, nem o povo e nem o seus líderes souberam ser.

O livro de Jonas fala-nos sobre este remanescente, de maneira misteriosa, como veremos, mais tarde.

Voltemos agora a Jonas, como representante dos santos, das testemunhas de Deus neste mundo. Para que sua desobediência não seja consumada no juízo final, como a de um jovem pecador, é necessário que seja detido neste caminho que cada vez mais o afasta de Deus.

A Palavra nos diz: “O Senhor lançou sobre o mar um forte vento e fez-se no mar uma grande tempestade e o navio estava a ponto de se despedaçar” (1.4). Isto é apenas o castigo de Deus sobre o Seu servo; mas este castigo inicia, como veremos depois, Seus caminhos de graça para com as nações.

Durante o temporal, Jonas, deitado no porão do navio, “dormia profundamente” (1.5). Muitas vezes as circunstâncias mais difíceis não alcançam as consciências dos filhos de Deus. Nem a tormenta, nem a angústia dos marinheiros impressionam a Jonas.

Ele não repara que está sob o juízo de Deus a Quem ofendeu e não sente o mínimo temor. É a indiferença de uma consciência adormecida. Tratando-se de um homem pecador, seu sono é coisa natural.

O filho das trevas e da noite dorme (1 Tessalonicenses 5.4, 7), mas, que durma um Jonas, um filho da luz, falta mais grave é e, infelizmente, é tão frequente!

Os discípulos dormiam antes os sofrimentos de seu Salvador, no Getsêmani; dormiam perante a Sua glória no

monte da transfiguração; o discípulo Jonas dorme ante o juízo que está caindo sobre o mundo, juízo que está destinado também a ele mesmo.

Muitas vezes, considerando os estragos que uma guerra faz entre as nações, nos temos perguntado se os santos despertariam ao pensamento que esta tempestade lhes é dirigida em primeiro lugar.

Sem dúvida, Deus, que é rico em recursos, serve-se, como veremos, de uma calamidade para conseguir Seus objetivos e cumprir os Seus desígnios, mas não esqueçamos que, no caso de Jonas, o primeiro propósito era falar à consciência do servo de Deus.

Infelizmente, para nossa vergonha e confusão, muitas vezes torna-se necessário que o mundo nos desperte: “Chegou-se a ele o mestre do navio e lhe disse: Que se passa contigo: agarrado no sono? Levanta-te, invoca o teu deus, talvez assim esse deus se lembre de nós para que não pereçamos” (1.6).

Vocês, que se dizem servos de Deus, não estão preocupados com os que perecem?, nos diz o mestre do navio. Nós trabalhamos, nos esforçamos, sacrificamos nosso dever; todo o nosso carregamento se vai nesta tormenta. O que você estão fazendo? Estão orando, suplicado a seu Deus?

Pelo menos, cada um de nós está clamando ao seu Deus! Não é verdade que muitas vezes o mundo tem o direito de lançar isto em rosto aos filhos de Deus porque nós não temos compreendido que este juízo está também, sobre nós?

Deus procurou a Jonas, a testemunha, da mesma maneira como antes Ele buscara a Adão, o pecador. O “mestre do navio” é a voz de Deus que, antigamente, dizia a Adão: “Onde estás?”. Mas aqui, para humilhação de Jonas, o mundo é o instrumento pelo qual Deus o lembra de que está perdido.

Através da sorte lançada, o Senhor respondeu àqueles seres ignorantes, mas sinceros, sem conhecimento do Deus ao Qual se dirigem, e lhes revela que Seu tratamento era com a Sua testemunha.

A segunda humilhação para Jonas foi que ele, apesar de ser um judeu, não recebeu nenhuma comunicação direta de Deus. Ainda continua sua humilhação com as palavras que o mundo lhe dirige: “Que é isto que fizeste?” (1.10). Outrora foi Deus que falou a Eva: “Que é isto que fizeste?” (Gênesis 3.13). Agora é o mundo que vem a ser o juiz dos atos de uma testemunha do Senhor.

Como é, Jonas? Você confessa que teme ao Senhor (1.9) e está fugindo dEle! Que loucura! A consciência destes pagãos é mais reta e menos adormecida que a de Jonas! Por fim, consegue-se acordá-lo. Jonas reconhece a plena justiça de Deus: “Tomai-me e lançai-me ao mar” (1.12). Ele sabe que merece ser atirado ao abismo e o declara.

Haverá salvação para vocês, diz ele aos marinheiros, mas eu mereço perder a vida. Ele recebe, como Adão, a sentença de morte, mas, para Jonas, ela se executa no preciso momento. É assim também conosco. “Estou morto”, “considero-me como morto”, “estou crucificado com Cristo”. Sim, minha condenação é justa; reconheço-o, mas encontro a Cristo no fundo das águas, identificando-se comigo no juízo e liberta-me!

Deus intervém, realmente. E por que não o faria? Outro, parecido com Jonas, tomou seu lugar no ventre do peixe. Ali, sob a disciplina e na aflição mais profunda, a testemunha culpada torna a encontrar sua dependência que totalmente tinha perdido. Ali ora (2.2). Nunca teria desobedecido se, pela oração, tivesse permanecido na dependência de Deus.

O primeiro Adão tinha deixado esta dependência; aqui, a testemunha de Deus deve voltar a aprendê-la como coisa completamente nova. A esta restauração, Deus responde com

a libertação. Jonas reconhece que esta bênção é devida unicamente à graça de Deus: “Ao Senhor pertence a salvação!” (2.9). É dela que fala Eliú no livro de Jó: “Não fui punido conforme merecia. Deus redimiu minha alma de ir para a cova e a minha vida verá a luz! (Jó 33.27-28).

Tal é, pois, o fruto da disciplina para a testemunha do Senhor: juízo completo de si mesmo e conhecimento mais profundo da graça divina. Daqui em diante, Jonas não mais fugirá para escapar do Senhor.

.oOo.

O PROFETA

Antes de receber a ordem de ir a Nínive, Jonas tinha sido encarregado de uma missão profética para Israel.

Dissemos “antes” porque a palavra “e” com que se inicia o livro de Jonas como também tantos outros livros do Antigo Testamento (Josué, Rute, 1 Samuel, Ezequiel) parece-nos estar indicando sempre uma relação com fatos precedentes, mais ou menos próximos.

Este acontecimento se deu no reinado de Jeroboão II ou, então, pouco tempo antes deste rei subir ao poder. Em 2 Reis 14.25, se diz que Jeroboão “restabeleceu os termos de Israel, desde a entrada de Hamate até ao mar da planície, segundo a palavra do Senhor, Deus de Israel, a qual falara por intermédio de seu servo Jonas, filho de Amitai, o profeta, o qual era de Gate-Hefer”. Oseias, Amós e Jonas conheciam o triste estado das dez tribos e da realeza de Israel. Com que indignação os dois primeiros apontam os pecados do povo e de seus líderes, ao anunciar o juízo que pesava sobre todos!

No entanto, “viu o Senhor que a aflição de Israel era mui amarga, porque não havia nem escravo nem livre, nem quem socorresse a Israel. Ainda não falara o Senhor em apagar o

nome de Israel de debaixo do céu, porém os livrou por intermédio de Jeroboão, filho de Jeoás” (2 Reis 14.26-27).

Em outro lugar nos é dito: “O Senhor deu um salvador a Israel, de modo que os filhos de Israel saíram de sob o poder dos siros” (2 Reis 13.5). Assim enquanto os outros profetas anunciavam os juízos de Deus sobre Israel, Jonas foi chamado a uma libertação momentânea por um salvador suscitado com este fim, independentemente de seu caráter.

A fronteira de Israel foi restabelecida; tornou-se novamente Hamate, principal reduto para reter os inimigos provenientes do Norte. Jonas tinha sido escolhido para proclamar estas misericórdias de Deus quando Israel gemia sob o jugo da Síria.

Um profeta, anunciando tão somente a libertação, era um fenômeno, se não único, pelo menos raro em Israel. Quando foi enviado a Nínive, Jonas já conhecia, pois, ao Senhor (e o reconhece mais tarde) como “Deus clemente e misericordioso” (4.2).

Em se tratando de Israel, Jonas não vacilou em anunciar a libertação de seu povo. Seu coração se alegrava e seu patriotismo encontrava nisto sua satisfação, porém, em seu orgulho espiritual, não podia esperar uma missão especial junto às nações, como outrora fora sua missão com Israel.

Assim mesmo, ele ainda supriria sua parte se a ameaça de destruição de Nínive se tornasse uma realidade, mas já tinha experimentado o caráter misericordioso do Senhor, exatamente como no passado se tinha revelado a Moisés: “Senhor, Senhor, Deus compassivo, clemente e longânimo e grande em misericórdia e fidelidade; que guarda a misericórdia em mil gerações, que perdoa a iniquidade, a transgressão e o pecado” (Êxodo 34.6-7).

Jonas estava disposto a aceitar um ato de graça divina para com sua nação, mas não o podia aceitar quando se

tratava de nações idólatras. A lei não lhes tinha sido dada e como admitir que lhes fosse outorgada livremente a graça?

Entretanto, existia outro motivo (e talvez fosse até mais forte) que levava o profeta a desobedecer a Deus: Jonas pensava em si mesmo. Isto transparece em toda a sua conduta nos capítulos 3 e 4.

Deveria clamar em Nínive: “Ainda quarenta dias e Nínive será subvertida”. Mas... e se não acontecesse assim? E se Deus se arrependesse de fazer tal ameaça? Que diriam dele, como profeta?

A misericórdia divina seria a causa do desmoronamento de sua autoridade, de sua dignidade, dele mesmo! Nem por um instante passa pela cabeça de Jonas que Nínive pudesse arrepender-se e mudar para com ele o curso dos caminhos de Deus a seu respeito.

No entanto, outros profetas (e mais tarde o maior de todos eles: João Batista) pregaram o juízo e o arrependimento. Jonas nem sequer ambicionava tal missão. Estava preocupado em proteger sua dignidade, seu caráter, sua autoridade de profeta. Que seria de sua dignidade, se o que anunciava não se cumprisse?

Quando anunciou de antemão a tomada de Hamate, sua palavra lhe trazia prestígio aos olhos do seu povo; agora desejava que o anúncio do juízo o orestigiase perante as nações. Triste coisa é o egoísmo do homem, porém, mais triste ainda é o egoísmo de um profeta!

Por isso é que ele foge e carrega a penalidade de sua desobediência. Quantas vocações cristãs se têm tornado estéreis pela própria desobediência dos servidores de Deus, quaisquer que tenham sido os motivos! Deus me quer enviar a Nínive, mas eu prefiro ir Tarsis, na Espanha!

Atualmente, isto se tem tornado tão comum entre os discípulos do Senhor que até é encarado como uma atitude

natural. Alguém embarca no navio ou o afasta dos propósitos de Deus e age até pior do que Jonas, pois a sua desobediência é chamada de miséria divina e de obediência sob a diureção do Espírito.

Jonas, num sentido, era menos culpável do que aqueles de UEM estamos falando, pois que ele não escondeu que estava fugindo da face do Senhor (1.10). Em outro sentido, era mais culpado do que eles, pois que sabia que estava fazendo a sua própria vontade e eu estava fugindo.

Entre eles, muitas vezes tal coisa é por completa ignorância e, portanto, ficam livres da disciplina, enquanto que “aquele servo que conheceu a vontade de seu senhor e não se aprontou, nem fez segundo a sua vontade, será punido com muitos açoites” (Lucas 12.47).

Deus perdoa os Seus servidores ou obreiros que ignoram o que é realmente um chamado de Deus sejam vezes por que Ele e não tranquilizem a sua consciência dando o nome de obediência aí que é precisamente o contrário!

No final do capítulo 2, parece que Jonas já aprendeu como testemunha, sob a disciplina, a sua lição, pois que o peixe o tinha vomitado na praia e o antigo Jonas, infelizmente tão parecido com o antigo Adão, tornou-se, em figura, um Jonas ressuscitado.

Entretanto, como profeta, estava longe de ter aprendido sua lição que, pelo que parece no relato, era difícil de aprender. Sem disciplina, sob o castigo, reconhecer que era duro recalcitrar contra os agulhões e que, custasse o que custasse, precisava obedecer.

Por isso, por ocasião da segunda queda, não recuou fazer o que o Senhor lhe mandava: “Levantou-se, pois, Jonas e foi a Nínive, segundo a palavra do Senhor” (3.3).

Mas como e em que espírito ele obedeceu? Como um judeu, obedecendo sob a lei, cheio de orgulho nacionalista e de

justiça própria, com o pensamento que Deus deve julgar as nações. “Estáveis sem Cristo, separados da comunidade de Israel e estranhos às alianças da promessa, não tendo esperança e sem Deus no mundo” (Eféios 2.12).

Jonas vai aprender que a última palavra de um profeta não é o juízo; por mais justo que ele seja, ainda há esperança enquanto não tenha sido executada a sentença. Deus tinha dito: “Ainda quarenta dias”. Mas, na antiguidade, havia provas de que um juízo tinha sido desviado por causa da intercessão de Moisés (Êxodo 34.28; 24.18) e, no futuro, todas as astúcias de Satanás seriam desbaratadas, graças à obediência de Cristo (Lucas 4.2).

A última palavra da profecia é a graça e a glória e isto Jonas nem sequer suspeitava. Seu coração era legalista, orgulhoso, duro e se comprazia com o juízo. Ele, a quem este mesmo juízo acabava de atingir, deveria conhecer a graça; não só por a ter anunciado em tempos passados como também por ele mesmo ter sido atingido por ela.

Como é triste a dureza do coração do homem quando se vê este mesmo coração sob a vestes de um profeta! E como é humilhante apesar de que nossa lição se aprende com tanta dificuldade!

A profecia de Jonas produz um efeito notório na consciência do povo de Nínive. O propósito de Deus foi alcançado, pois que, se Ele faz conhecer Seus juízos, é assim que as almas se convertem e se voltam para Ele.

Então o coração do Deus da graça pode revelar-se.

E, quando se proclama a graça, o orgulho e a justiça própria do profeta cedem o lugar para uma irritação mal reprimida. Isto sempre caracterizou os judeus. Irritavam-se ao ver que a salvação era anunciada às nações e não podiam admitir ser colocados num mesmo nível de nível sob o juízo.

Jona nos faz lembrar do irmão mais velho do filho pódigo que irritou-se contra o pai e recusou entrar em sua casa porque o regresso do irmão à casa paterna era objeto de graça e gozo. COMO O PAI DA PARÁBOLA, Deus repreende a Jonas - e com que paciência! - , mas finalmente o deixa por conta de sua obstinação na enramada que fizera, privado da planta que crescera e sob o ardor do sol.

Aqui pá a história. Embora ao saibamos que mudança se operou no coração do profeta, sabemos que a graça do Senhor não mudou até hoje em relação às nações e dito somos felizes testemunhas.

A primeira parte da história de Jonas apresenta, no coração do profeta, mais graça do que a segunda. Isto ocorre com frequência na vida dos servos de Deus. À medida que vai crescendo sua importância e seu serviço, sua satisfação consigo mesmo cresce também e acaba em desacordo com o propósito de Deus, tornando-se impróprios para o serviço.

Quantos ficam pelo caminho, como Jonas, com sua carreira estragada, por estarem satisfeitos consigo mesmos, em vez de progredir no conhecimento da graça.

No capítulo primeiro, a disciplina que atinge o profeta está cheia de ensino para ele. Reconhece -quem o improução dolorosa! - que ele, profeta do Senhor, é a causa do juízo que atinge seus companheiros e o navio (1.12) e aceita, como merecido, o castigo que o atinge.

Como seria precioso ver esta humilhação continuada na segunda parte da história do profeta!

Apremos com estas coisas e, principalmente, não comecemos por onde Jonas começou. Não evitemos a presença de Deus; andemos na luz; digamos ao Senhor: “Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração”.

Assimevitaremos mais um doloroso castigo. Deus não nos envia ao mundo como profetas. Ele nos confia uma missão como servos. Não cumpri-la fielmente seria fazer como fez Jonas: dar as costas a Deus!

.oOo.

AS NAÇÕES

Seu estado é representado por Nínive que é, aos olhos de Deus, a imagem da condenação moral dos gentios: “Dispõe-te, vai à grande cidade de Nínive, e clama contra ela, porque a sua malícia subiu até Mim” (1.2), disse o Senhor a Jonas. A maldade, a ausência completa do bem, era o que caracterizava aquela nação aos olhos dum Deus Santo. Sua paciência tinha suportado por muito tempo esta maldade, a qual aproveitou para desenvolver-se a seus limites extremos.

Para Nínive só restava o juízo, a não ser que Deus tivesse algum recurso ou algum meio de salvação. Mas quem poderia anunciá-lo? O profeta Jonas, aqui um tipo do povo de Deus, está sob o mesmo juízo.

Tinha-se revelado desobediente, rebelde, e Deus não podia esperar outra coisa senão a condenação. Um outro profeta (Isaías) tipo de um resíduo fiel em Israel, encontrou-se mais tarde com o Senhor e não tentou fugir de Sua presença (Isaías 6). Antes de ser enviado, reconheceu sua mancha e foi purificado dela por meio de uma brasa viva que no altar havia consumado o holocausto.

O Senhor disse então: “A quem enviarei quem há de ir por Nós?” E o profeta respondeu: “Eis-me aqui, envia-me a mim”. Então o Senhor o envia a Israel para anunciar o juízo e a graça que conservará um remanescente.

Jonas, em lugar de encontrar-se com Deus, foge de Sua presença para não ser enviado às nações. São estas,

precisamente, que Deus quer conservar e Jonas bem que o percebe!

Os marinheiros são representantes de todas as nações, embarcados em um navio que, cada vez mais, afasta-se de Deus. “Os marinheiros, cheios de medo, clamavam cada um ao seu deus” (1.5), mas no meio do temporal que ameaça tragá-los, aprendem que estes ídolos mudos que não respondem não valem nada. “Talvez esse deus se lembre de nós para que não pereçamos” (1.6).

Qual é a causa da sua angústia? A ignorância do seu estado faz que atribuam esta desgraça a alguém, talvez a um deles. “Vinde e lancemos sortes, para que saibamos por causa de quem nos sobreveio este mal” (1.7). Não conhecem a Deus; apelam a um poder desconhecido (a sorte) para informar-se.

Eis aqui a ignorância do coração natural do homem: sem conhecimento de si mesmo e sem conhecimento de Deus - eis os dois grandes temas nos quais se resume toda a revelação a eles desconhecidos. São cegos, mas Deus, em Sua graça, lhes responde no nível do seu conhecimento; a sorte fala e aponta para Jonas.

Jonas, apesar do juízo que o atinge, apesar de estar fugindo de Deus, conforme já lhes declarara (1.10), dá seu testemunho a respeito do caráter de Deus, segundo a sua obscurecida inteligência podia compreender: “Sou hebreu e temo ao Senhor, o Deus do céu, que fez o mar e a terra” (1.9).

O testemunho de fé em Israel em um único Deus Criador lembra às nações o que Deus já lhes havia revelado por Suas obras: que eram inescusáveis (Romanos 1.20). A pregação de Paulo aos atenienses (Atos 17) não tem outro caráter. Estes pobres e ignorantes gentios pronunciam três palavras.

À primeira, Deus responde através da sorte tirada, mas usa a Israel (Jonas), objeto do Seu juízo, para trazer luz às nações, como está escrito “a salvação vem dos judeus” (João

4.22). À segunda, “Que é isto que fizeste!” (1.10), Jonas já tinha respondido antecipadamente, assim que estes gentios conheciam seu problema: “Pois sabiam os homens que fugia da presença do Senhor, porque lho havia declarado” (1.10). Agora são eles que repreendem ao profeta: Você diz que ama a Deus e não teme desobedecer-Lhe?!

Quantas vezes os judeus, para sua vergonha, se encontraram sob a acusação das nações da mesma maneira como os cristãos hoje se encontram sob a acusação do mundo.

Sua terceira palavra foi: “Que te faremos?” (1.11). A confiança na palavra do Senhor nasce em seu coração e, em vez de desviar-se de Israel, infiel servo, eles compreendem que seu representante só pode informá-los a respeito da vontade do Senhor.

Jonas reconhece que a sua infidelidade é a causa das dispensações de Deus para as nações. Ele diz: “Eu sei [verdadeira expressão de um coração que conhece a Deus] que por minha causa vos sobreveio esta grande tempestade” (1.12). “Tomai-me e lançai-me ao mar”. Assim a rejeição de Israel é a reconciliação do mundo (Romanos 11.15).

Estes homens vacilam em executar a ordem do profeta e tentam todos os recursos antes de cumpri-la, mas não podem ter êxito, pois que o mar “se ia tornando cada vez mais tempestuoso contra eles” (1.13).

Para serem salvos é necessária uma vítima, caso contrário, o juízo os atingirá. Mais tarde, veremos que vítima é esta; agora estamos ocupados com Jonas, tipo do Israel rejeitado. Uma vez executado o juízo, o navio dos gentios pode prosseguir a viagem. Israel rejeitado abriu a porta para as bênçãos das nações.

Esta cena é uma imagem para os nossos dias, um exemplo antecipado da salvação de indivíduos que fazem parte de todos os povos idólatras que “clamavam cada um ao

seu deus”, conforme está escrito: “Com o Teu sangue compraste para Deus os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação” (Apocalipse 5.9).

A iminência do perigo os faz “clamar ao Senhor”, pois é precisamente aqui que começam as nossas relações com Deus; mas a revelação de um sacrifício pelo qual são responsáveis e que pode afastar deles o juízo divino repugna seu coração natural.

Prefeririam antes “remar para chegar à terra firme”. Não deixaram de reconhecer que, ao atirar o servo de Deus às águas, “caí sobre nós este sangue, quanto a nós, inocente” (1.14). São todos culpáveis, mas Deus lhes mostra que, apesar de sua parte no sacrifício, este é para eles o seu único meio de salvação.

Repare-se aqui na mudança moral que se produz nos tripulantes: “Temeram, pois, estes homens em extremo ao Senhor e ofereceram sacrifícios ao Senhor e fizeram votos” (1.16).

Seu primeiro passo no caminho de sabedoria é temer ao Senhor. Oferecem um sacrifício, assumindo a atitude de adoradores. A seguir, “fizeram votos”. Um voto é a livre devoção a Deus para servi-lo sem restrições (Deuteronômio 23.21; Levítico 7.16).

Eis aqui um grupo de homens salvos, trazidos a Deus, transformados em testemunhas da Sua graça, em adoradores e em servos consagrados a Ele. Neste barco das nações só se acham agora pessoas salvas, enquanto que Jonas, que representa a Israel, é tragado nas profundezas do mar dos povos.

O primeiro capítulo deste livro nos faz conhecer como a obediência da fé tem vindo a ser hoje a parte das nações; o terceiro capítulo leva o nosso olhar para um tempo futuro. O juízo é anunciado a Nínive, a “grande cidade”, representando, como capital, o conjunto dos povos.

Nos é dito que “os ninivitas creram em Deus e proclamaram um jejum e vestiram-se de panos de saco, desde o maior até o menor” (3.5). Note-se que se trata de um jejum nacional. Não se pode dizer que não seja real, pois que está baseado na fé na palavra de Deus, mas entre os habitantes de Nínive, esta fé “não tem raiz em si mesmos” (Mateus 13.21).

Apesar disso, um arrependimento exterior, baseado no medo do juízo, afasta-o por algum tempo. Dois séculos mais tarde, a sorte de Nínive é definitiva e a cidade é destruída por completo.

Quando for estabelecido o reino de Cristo acontecerá um fato semelhante. As nações se submeterão a Cristo e reconhecerão o Deus de Israel (Salmo 18.44), mas, quando, depois de mil anos deste reino glorioso, Satanás for solto, as seduzirá novamente, sofrendo então o juízo final.

Este arrependimento de Nínive leva nossos pensamentos para os nossos próprios dias. A mão de Deus se faz sentir sobre os povos. Parece que estamos ouvindo a Sua voz, dizendo: “Ainda quarenta dias e Nínive será subvertida”. As nações, como tais, não deveriam arrepender-se e proclamar um jejum? Imperadores e reis, grandes e pequenos, não deveriam “clamar forte a Deus e converter-se cada um do seu mau caminho e da violência que há em suas mãos?”.

Quem sabe se Deus não se voltaria e se arrependeria, apartando-se do furor de Sua ira, de sorte que não pereçam?”

Deus pode arrepender-se: mudar a direção de Seu caminho para com os homens quando estes mudam seus caminhos e se voltam para Ele!

Deus permita que estas palavras, como antigamente as de Jonas, encontrem eco no coração dos povos!

.oOo.

O POVO DE ISRAEL

Temos visto que Jonas, apesar do seu caráter de profeta, encarna em si mesmo o espírito do povo a que pertence: um espírito de desobediência, de independência do Senhor, de orgulho espiritual e de justiça própria, coisas que Deus sempre apontou através de Seu profeta.

Não se trata aqui da idolatria, tantas vezes anematizada, que este povo havia já abandonado muito tempo antes de ser dispersado entre as nações após a recusa de Cristo. Pois é deste tempo que o livro de Jonas, em figura, nos fala.

O povo persiste em seus caminhos de independência e de vontade própria, sem ter-se arrependido das “ vaidades mentirosas ” (2.9) que durante tanto tempo o caracterisaram.

A casa estava vazia, varrida e adornada (Mateus 12.44); o estado do povo, que o demônio da idolatria não assediava, estava particularmente marcado nos termos dos últimos profetas e durante a vida do Senhor na terra.

Era uma geração incrédula e perversa; eram sepulcros branqueados; cheios de corrupção em seu interior; era uma raça hipócrita; mas eram orgulhosos de sua justiça própria, vangloriando-se de terem Abrão por pai e fugindo à luz e ao testemunho de Deus, sendo hostis à verdade e rebeldes à graça de Deus.

Eis o que revestia todas as aparências de piedade, a fidelidade às normas estritas da lei, formas exteriores às quais acrescentavam, ainda, suas tradições que anulavam o mandamento de Deus (Marcos 7.9).

Os seus guias desenvolviam todos os seus esforços para resguardar a sua dignidade, reputação e influência sobre o povo. Mas o que os caracterizava era o ódio da graça, o que deixava claro seu próprio estado. Não havia nenhuma

diferença entre eles e os demais homens, uma vez que a graça divina abrisse a porta da salvação a qualquer pecador de entre as nações.

Jonas, embora um homem de Deus, não apresenta um aspecto a mais desta situação. Chega o momento quando, pela recusa do Salvador e do Espírito Santo, foi pronunciada a condenação definitiva para os judeus: “Vos desterrarei para além de Babilônia” (Atos 7.43). Israel é atirado ao mar dos povos, onde está até ao dia da sua ressurreição nacional.

Renascera, pois, mas agora estamos, no capítulo três, no segundo período de sua história. Seu coração está mudado? De maneira nenhuma! Se, sob o Anticristo, torna a tomar exteriormente as formas antigas de seu culto (Daniel 9.27), seu estado moral é caracterizado pela irritação contra Deus.

Ele diz: “É razoável a Minha ira até a morte” (4.9). Aqui o livro pára e não acrescenta mais nada sobre o final de sua história. É como se este povo rebelde adentrasse no nada. Observemos este silêncio solene a seu respeito.

A rejeição de Israel em relação com a profecia de Jonas nos é anunciada pelo Senhor de maneira assombrosa. Em Mateus capítulo 12, o Senhor Jesus fala de Jonas como sendo um sinal de Sua morte e ressurreição. Mais adiante consideraremos este tema; mas, no capítulo 16, o Senhor Jesus volta ao assunto e creio que com intenção diferente.

Os fariseus e saduceus tornaram a pedir-Lhe um sinal. Fala-lhes dos sinais nos céus: o bom tempo e a tempestade (figuras de graça e de juízo), que tão sabiam discernir e, enquanto que não podiam discernir “os sinais dos tempos”.

O juízo estava à porta e eles não sabiam a respeito: “Nenhum sinal lhes será dado, senão o de Jonas” (Mateus 16.4).

Israel definitivamente ia ser atirado ao ar, abandonado, para ceder o lugar aos caminhos da graça divina para as

nações. Por isso, o evangelista acrescenta: “E, deixando-os, retirou-se”.

Mas o verdadeiro Israel ressuscitará e será, como o veremos a seguir, o enviado e a testemunha do Senhor para levar ao arrependimento a “grande multidão das nações”.

.oOo.

O REMANESCENTE

O propósito principal do livro de Jonas provém, segundo nos parece, do capítulo 2, que propositalmente temos omitido aqui.

Temos visto que a pessoa de Jonas nos apresenta as características que deveriam possuir as testemunhas do Senhor; naquela época o profeta era judeu. Esta mesma pessoa ilustra também para nós a história do povo, que, apesar de tudo, tem sido e tornará a ser a testemunha de Deus para todas as nações.

Dissemos “será” porque, embora o povo em seu conjunto tenha sido posto de lado quando a paciência de Deus chegou ao seu fim, dele sairá no futuro um Remanescente, núcleo de um povo futuro, carregando, como toda aquela raça, “a culpa do sangue”. Isto é, a responsabilidade pela morte do Messias e sofrendo as consequências de tal ato durante o tempo da tribulação.

A angústia produzirá um arrependimento para a salvação no coração dos fiéis. Não procurarão separar a sua responsabilidade pessoal da responsabilidade do povo a que pertencem; reconhecerão que seu castigo é merecido, que a tempestade que em grau crescente está caindo sobre eles é a justa retribuição pelo seu crime e que merecem ser cortados

da terra dos viventes por terem crucificado o Filho de Deus! Mas, engolidos pelo grande peixe, eles descobrirão na angústia que seu Messias atravessou as mesmas agruras e que o Senhor Lhe respondeu.

Esta convicção dará uma grande segurança a estes fiéis, de maneira que clamarão a Deus com a certeza de que Ele os ouve. Suas experiências estão descritas no capítulo dois do livro que estamos estudando.

A oração de Jonas contém dois temas: a) as experiências do Remanescente crente, do verdadeiro Israel, no dia da angústia (2.3); o que também é chamado “o aperto [ou a angústia] de Jacó (Jeremias 3.7), expressão mais generalizada. Veja-se para a palavra “angústia” numa grande quantidade de passagens dos Salmos e dos livros proféticos; b) também a morte e os sofrimentos de Cristo, que veremos mais adiante.

Quanto ao primeiro tema, supomos que os nossos leitores estão bem familiarizados com o Antigo Testamento ao ponto de saber que os Salmos e os Profetas nos ocupam constantemente com o Remanescente judeu fiel dos últimos dias e com as tribulações por eles sofridas. A oração de Jonas é um apoio a esta verdade. Os oito versículos reproduzem numerosas passagens dos Salmos e do profeta Isaías que, citá-las seria sobrecarregar inutilmente o nosso texto.

Cada leitor, com a ajuda de uma boa Concordância ou Chave Bíblica, pode fazer uma lista destas passagens. Nos limitaremos, pois, a citar apenas algumas passagens essenciais.

“Então Jonas do ventre do peixe orou ao Senhor, seu Deus, e disse: Na minha angústia clamei ao Senhor e Ele me respondeu; do ventre do abismo gritei e Tu me ouviste a voz” (2.1-2). É interessante que o grito de Jonas só é apresentado após o das nações. Assim acontecerá realmente. Hoje o navio das nações, contendo os que pela fé se tem tornado

adoradores do verdadeiro Deus, segue seu curso e os que estão nele têm obtido a libertação após terem “clamado ao Senhor” (1.14).

Israel pelo contrário, é tragado no mar dos povos, mas um Remanescente despertará desde o seio do sheol [ou abismo], desde o fundo de sua angústia, desde o seio dessa grande tribulação que cairá em primeiro lugar sobre os fiéis do antigo povo de Deus, clamando ele mesmo ao Deus a Quem ofendeu.

Este versículo apresenta-se na forma habitual dos Salmos. É um resumo de todo o conteúdo da oração e indica antecipadamente o resultado, enquanto que os versículos seguintes descrevem o caminho pelo qual o resultado será conseguido.

Atirado ao fundo do abismo e engolido pelo monstro preparado por Deus como instrumento de conservação, o fiel ora e clama. E com que gozo comprova a resposta!

O Salmo 120, que serve como prefácio ao grupo dos chamados “cânticos dos degraus” ou “cânticos de romagem” fala precisamente nos mesmos termos.

Neste Salmo trata-se do Remanescente, novamente afastado de seu país pela perseguição, depois de ter entrado ali como a nação incrédula. É o dia da abertura de Jacó (veja Apocalipse 12.13-16). Então ele diz: “Na minha angústia clamo ao Senhor e Ele me ouve” (Salmo 120.1). “Ele os livrou de suas aflições”, como tantas vezes é citado no Salmo 107 que, por sua vez, serve de prefácio ao quinto livro dos Salmos, onde estão incluídos os “cânticos dos degraus”. “Ele me respondeu” é um resumo de todas as experiências dos fiéis: uma plena libertação.

O mesmo acontece no Salmo 130: “Das profundezas clamo a Ti, Senhor”. Este Salmo nos descreve os solenes exercícios de consciência do Remanescente e os benditos resultados de sua libertação (veja também Salmo 18.6; 86.7).

Após o resumo do qual terminamos de falar, a oração de Jonas torna a citar as experiências com que o Senhor deu a resposta. Primeiramente, o fiel clama desde o seio do sheol e Deus ouve. Mesmo sem perceber ainda a resposta, ele já tem a consoladora certeza que a oração da fé tem chegado aos ouvidos do Senhor. Ali só a angústia é menor. Ezequias desce ao sheol; Jonas está ali; Davi, no Salmo 30.3, 5, sobe.

“Pois me lançaste no profundo, no coração dos mares e a corrente das águas me cercou; todas as Tuas ondas e as Tuas vagas passaram por cima de mim” (2.3).

A mesma expressão é encontrada em Salmo 42.7. Todo leitor, um pouco familiarizado com a profecia, sabe que o segundo livro dos Salmos (Salmos 42 a 72) descreve os sofrimentos e as experiências do Remanescente de Judá, disperso entre as nações durante a grande tribulação. São exatamente estas experiências que a oração de Jonas nos apresenta.

“Então disse: Lançado estou de diante dos Teus olhos; tornarei, porventura, a ver o Teu santo templo?” (2.4).

Aqui tornamos a encontrar a oração de Ezequias (Isaías 37.10-11), numerosas passagens do segundo, livro dos Salmos (43.2; 44.9; 60.1, 10) e outras passagens mais (Salmo 74.1; 77.7; 31.22; Lamentações 5.22).

A consciência de ser rejeitado não destrói a segurança da fé do pobre Remanescente no dia da angústia. Atirado para fora de Jerusalém, não deixa de olhar para o templo, como Daniel olhava para Jerusalém (Daniel 6.10; veja também o Salmo 42.4; 43.3-4; 18.6; Habacuque 2.20).

Os santos de nossos dias, que nos dias da aflição podem consolar-se com estas passagem, sabem que este tempo, é para eles a Casa do Pai, nos céus. “As águas me cercaram até à alma, o abismo me rodeou; as algas se enrolaram na minha cabeça” (2.5).

É nas dificuldades que a alma sente o que é a experiência do juízo sobre o pecado. No segundo livro dos Salmos, do qual já temos falado, esta terrível posição está descrita com palavras bem vivas: “Um abismo chama outro abismo, ao fragor das suas catadupas; todas as Tuas ondas e vagas passaram sobre mim” (Salmo 42.7).

O Salmo 49 descreve a grandeza desta angústia. Entrar na lama profunda do pecado traz, como consequência, o juízo: a profundidade das águas que tragam e a correnteza que submerge, ao mesmo tempo que se abre um abismo sem fundo” (Salmo 69.2, 15).

Mais tarde, veremos que é no abismo que o fiel encontra a Cristo. Jesus desceu ali por sua causa. Nós, cristãos, temos tido a mesma experiência, mas sem sermos obrigados, como o Remanescente, a conhecer o abismo.

“Desci até à terra, cujos ferrolhos se correram sobre mim para sempre; contudo, fizeste subir da sepultura a minha vida” (2.6).

A angústia chega a seu limite máximo; o afligido não pode descer mais. E a morte em todo o seu horror. As portas que impedem o acesso à terra dos viventes são fechadas para sempre. Estas mesmas experiências são encontradas novamente no cântico de Ezequias (Isaías 38.10-11), assim como a mesma resposta de Deus: “Eis que foi para minha paz que tive eu grande amargura; Tu, porém, amaste a minha alma e a livraste da cova da corrupção, porque lançaste para trás de Ti todos os meus pecados. O Senhor veio salvar-me” (Isaías 38.17, 20).

É pela ressurreição de Cristo que todos os nossos pecados são deixados no abismo, onde nunca jamais serão encontrados.

“Quando dentro em mim desfalecia a minha alma, eu me lembrei do Senhor; subiu a Ti a minha oração, no Teu santo templo” (2.7).

No momento de suprema angústia e agonia, o fiel lembra-se do Senhor e sua oração não somente é ouvida, como também recebida no lugar onde Deus habita. “Os que se entregam à idolatria vã, abandonam Aquele que lhes é misericordioso” (2.8).

Aqui vem a reprovação povo apóstata novamente dominado pelo demônio da idolatria (Mateus 12.43-45) e que, em troca das vaidades mentirosas, abandona a graça colocada perante ele.

É melhor estar afundado na angústia com uma esperança do que compartilhar da sorte dos que têm o Anticristo como seu chefe. No Salmo 31 vemos a diferença entre os que “se entregam à idolatria vã” (v. 6) e aquele que confia no Senhor e cuja graça é o único recurso.

“Mas com a voz do agradecimento eu Te oferecerei sacrifício; o que votei pagarei. Ao Senhor pertence a salvação!” (2.9).

Aqui encontramos o Remanescente fiel oferecendo o culto que as nações estavam oferecendo no tempo da infidelidade do Remanescente. Este culto os cristãos o oferecemos hoje. Somente no porvir profético é que as nações sacrificarão, no Reinado do Messias, a Jeová, o Deus de Israel, e subirão para adorá-lo junto com Seu povo (Salmos 116.14-15; 22.25).

Então haverá, tanto para Israel como para as nações (1.16), “votos”, o serviço do Senhor, livre e sem restrições, de um “povo de boa vontade” (Salmo 56.12; 61.8; 66.13; 76.11; Levítico 8.16; Deuteronômio 23.21).

A última palavra desta oração profética é: “A salvação pertence ao Senhor!” É verdade: só Ele a efetuou; é unicamente o fruto de Sua graça (Isaiás 38.20; 52.10).

Israel encontrará nos últimos dias esta grande verdade que atualmente traz gozo e segurança a todo verdadeiro

crente e sobre a qual sua certeza se baseia. Com se produzirá esta libertação? É o que veremos no próximo capítulo.

.oOo.

O CRISTO

A pessoa de Jonas representa a Cristo sob dois aspectos diferentes.

O primeiro é a morte e ressurreição de Cristo para cumprir a obra da Redenção. É o que encontramos nos evangelhos de Mateus e de Lucas.

Em Mateus 12, os escribas e os fariseus acabavam de acusar o Senhor de não expelir “os demônios senão pelo poder de Belzebu, maioral dos demônios” (v. 24), pedindo-Lhe um sinal (v. 38), um milagre, para acreditá-LO perante eles.

Imaginem: pedir a Jesus um milagre para Ele merecer o crédito deles, quando toda a Sua vida e Seus milagres de bondade que a cada momento operava proclamavam que era o Emanuel, o Deus conosco! Será que esta geração má e adúltera ainda poderia ser convencida através de um sinal?

É por isto que o Senhor lhes responde: “Uma geração má e adúltera pede um sinal; mas nenhum sinal lhe será dado, senão o do profeta Jonas. Porque assim como esteve Jonas três dias e três noites no ventre do grande peixe, assim o Filho do Homem estará três dias e três noites no coração da terra” (vs. 39-40).

A pessoa de Jonas é um tipo maravilhoso dos sofrimentos de Cristo, aproximadamente 900 anos antes de Sua vinda! Realmente, Seus sofrimentos e Sua morte são o primeiro tema da profecia.

Mas a permanência de Cristo no túmulo também foi sinal de que agora era tarde demais para o povo, que agora já não

era mais possível receber o Profeta, o Enviado, o Filho do Homem, o Filho de Deus como Seu Rei. Desde este momento, todas as antigas relações de Deus com Seu povo foram interrompidas e, apara serem reatadas, deveriam ser baseadas em Sua rejeição e não mais em Sua apresentação ao povo como Messias e Rei.

Cristo veio a tomar, em amor, o lugar de Israel que foi rejeitado por sua desobediência para que este, por causa da expiação realizada, pudesse tornar a encontrar seu lugar no reino. Para nós, cristãos, Ele tomou o nosso lugar, sob o juízo, para que os céus pudessem ser abertos para nós.

A estas palavras, o Senhor acrescenta: “Ninivitas se levantarão no juízo com esta geração e a condenarão; porque se arrependeram com a pregação de Jonas. E eis aqui está quem é maior do que Jonas” (Mateus 12.41).

As nações, tão desprezadas pelos judeus, eram muito menos culpadas do que este povo. Nínive tinha-se arrependido sem sinal algum; tão somente pela simples pregação de um profeta sobre o juízo que estava para sofrer. Mas Jerusalém não se arrependeu com a pregação dAquele muito maior do que Jonas, que não somente era o Profeta da graça, obedecendo a vontade de Deus, mas que era o próprio Filho de Deus.

Portanto, esses homens das nações serão, no dia do juízo, as testemunhas da justa condenação de Israel, que rejeitou a Deus na pessoa de Cristo, vindo em graça.

Em Lucas 11.29-32, o ensino é um pouco diferente. Após ter dito no v. 29 que não seria dado outro sinal a esta geração, além do sinal de Jonas, o Senhor acrescenta: “Porque assim como Jonas foi sinal para os ninivitas, o Filho do Homem o será para esta geração” (v. 30). Ele compara esta geração judia culpada aos ninivitas, isto é, a um povo pagão.

Jonas, morto e ressuscitado em figura, não era somente pregador, mas também sinal para os ninivitas, sinal que o

acreditava entre eles. Realmente, não se trata nesta passagem da pregação, mas da pessoa de Jonas. Um Cristo morto e ressuscitado, recebido agora entre as nações como Salvador e do qual Jonas é tipo, condena a Israel.

Este povo era culpado a Sua morte da sua condenação a Israel. Este povo era culpado de sua morte e Deus, ao ressuscitá-lo declarava Sua plena satisfação com a obra de Seu Bem-Amado, com o qual nada Israel quis saber, o que o condena sem remissão.

O Senhor acrescenta: “Ninivitas se levantarão no juízo com esta geração e a condenarão; porque se arrependeram com a pregação de Jonas. E eis aqui está quem é maior do que Jonas” (v.32). De fato, os ninivitas tinham-se arrependido sem sinal, enquanto que os judeus pediam um.

A pregação de Jonas os havia levado ao arrependimento; sua palavra havia produzido este resultado. O que estes judeus haviam feito com a pregação do Cristo? No entanto, que diferença havia entre estes dois testemunhos!

Jonas veio para anunciar o juízo e a destruição de Nínive; Cristo veio para anunciar a graça ao Seu povo culpado. Que endurecimento de Israel por ter recusado esta mensagem!

Tal é o tipo de Jonas em o Novo Testamento: Jonas recusado, Jonas passando três dias e três noites no ventre do grande peixe; Jonas ressurreto: é Cristo e, como tal, é apresentado hoje para salvação a todos os homens.

Além disso, o livro de Jonas nos mostra, mais do que nenhum outro que a profecia não pode interpretar-se com o cumprimento de acontecimentos históricos (um dos numerosos erros da teologia moderna), mas que Cristo é o propósito final e a única solução.

Cristo nos é apresentado neste livro sob um segundo aspecto. Jonas ali é tipo de Cristo, sofrendo Ele mesmo a ira de Deus em Seu governo e sendo livrado desta para que o

fiéis do fim (o Remanescente judeu), atravessando a grande tribulação, encontrem nisto ânimo e consolação, do que muito precisarão quando passarem pela tal tribulação. Esta verdade importante é resumida numa passagem de Isaías: “E se lhe tornou Salvador. Em toda a angústia deles foi Ele angustiado e o Anjo da Sua presença os salvou” (Isaías 63.8-9).

É assim que o Remanescente de Judá, culpado pela rejeição do Messias, passando por causa deste pecado pela provação e pela angústia, conforme Mateus 16.4, encontrará, quando seja tragado nas águas profundas, que seu Salvador e Redentor tem estado ali antes que ele e por ele e que foi livrado disso. Que segurança tal descobrimento dará à sua alma!

Com efeito, na cena do Getsêmani, pôde dizer: “No dia da Minha angústia, inclina a Mim Teu ouvido” e “tenho... misturado com lágrimas a minha bebida, por causa da Tua indignação e da Tua ira, porque me elevaste e depois me abateste” (Salmo 102.9-10). Ele mesmo disse: “As águas Me sobem até à alma” (Salmo 69.1). Ele mesmo “nos dias da Sua carne, tendo oferecido, com forte clamor e lágrimas, orações e súplicas a Quem O podia livrar da morte, e tendo sido ouvido por causa de Sua piedade...” (Hebreus 5.7).

Vemos em outras passagens também a Cristo no Getsêmani, atravessando o dia da “angústia” (Salmo 102.2) e as angústias do juízo merecido pelo Seu povo, simpatizando com Ele e realizando em Sua alma recebendo em Sua alma a ira de Deus contra Israel culpado.

É por considerarem isto é que os fiéis do Remanescente do fim serão animados em sua piedade, em sua confiança em Deus, na segurança de sua libertação final e poderão dizer: “Até quando?”, certos que um dia terão a resposta.

Aprenderão a conhecer a Cristo na profundeza das águas e compartilhando de Sua angústia, mas saberão que Ele saiu

ressurreto do grande abismo para que eles tornassem a encontrar a bênção na “terra dos viventes”.

Esta libertação que nós, cristãos, possuímos hoje nos tem aberto o céu; a de Israel, nos últimos dias, lhe abrirá a terra renovada, sob o reinado do Rei da paz, de maneira que este povo poderá dizer com a mesma certeza que nós dizemos hoje em dia: “Ao Senhor pertence a salvação!”

.oOo.

DEUS

Deus se manifesta no livro de Jonas sob dois aspectos. Se Ele envia uma tempestade como juízo sobre Seu profeta infiel e sobre as nações, tem um propósito de graça para com estas últimas.

Até então, estavam completamente indiferentes e sem o conhecimento do verdadeiro Deus, mas Ele traz aos marinheiros até as portas do sepulcro, fazendo-os clamar por Jeová (1.14; Salmo 107.23-32). Então revela-se a eles como o Deus Salvador que sacrifica o Seu povo a favor deles.

É necessário que o servo de Deus seja entregue à morte para que umas almas, estranhas para Deus, aprendam a conhecê-lo e sejam levadas a servi-lo. Mas Deus também um Deus Salvador para o Seu povo. Não pode suportar a desobediência e é necessário que castigue as transgressões, pois que não pode abandonar Sua justiça e Sua santidade, mas o ventre do peixe que engole a Jonas oculta, por assim dizer, outro Jonas obediente e fiel, que sofre sem causa, mas que ressuscita para que Israel reconheça que “ao Senhor pertence a salvação”.

O segundo aspecto de Deus, revelado neste livro, é: “Um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, age por meio de todos e está em todos” (Efésios 4.6). É o Deus Criador e

Conservador de todos os homes e de toda a criação animal. Conforme Ele quer, dirige os elementos, os ventos e os mares; prepara um peixe, uma planta, um verme, um vento oriental para cumprir Seus desígnios.

Sua providência vigia tudo; Sua bondade universal está em todas as partes. Este “Deus do céu, que fez o mar e a terra” (1.9) no fim será adorado pelas nações quando reconheçam “o Pai de todos”, “Aquele que, sem acepção de pessoas, julga segundo as obras de cada um” (1 Pedro 1.17).

O amor de Deus para com todas as Suas criaturas é universal e os homens de hoje até que estão prontos a reconhecê-lo, contanto que isso não os obrigue a se arrependerem. Tal não foi o caso de Nínive: quando estas pessoas souberam que o Deus de paciência e de mansidão ia julgá-las, foram levadas ao arrependimento. Deus não se revelou a Nínive como Jeová, o Deus de Israel, mas como Deus, Elohim, o Criador (3.5, 8-10).

Esta cidade cuja maldade tinha subido até Deus e que se prostrava perante seus ídolos, se arrependeu. Foi proclamado um jejum e não foi o Deus Salvador, mas o Deus Criador quem tomou conta e conservou a Nínive por algum tempo.

A conversão das nações nos últimos dias, pelo Evangelho eterno, não terá outro caráter. O anjo que anunciará, dirá em voz alta: “Temei a Deus e dai-Lhe glória, pois é chegada a hora do Seu juízo; adorai Aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas” (Apocalipse 14.7).

As nações se arrependerão e serão guardadas durante mil anos, como Nínive foi guardada durante dois séculos.

Esta verdade elementar, o amor universal de Deus, a providência do “Pai de todos”, Jonas tinha que aprender. Ele conhecia a Jeová, o Deus de Israel, como Deus misericordioso sob a lei; conhecia-O como um Deus Salvador que o tinha livrado; mas seu orgulho de judeu não podia admitir que o

coração de Deus fosse igualmente aberto para todas as Suas criaturas.

Seu egoísmo o levava a pensar que os cuidados de Deus deviam cair exclusivamente sob a sua pessoa. Que o profeta fosse conservado seria maravilhoso; mas que Deus destruísse a grande cidade, isto era necessário para salvaguardar a honra de profeta!

Não é verdade que nosso amor próprio nos leva muitas vezes a ignorar verdades mais elementares relacionadas com o caráter de Deus? Por isto a última lição deste livro é dirigida ao profeta.

A providência de Deus prepara uma planta para fazer sombra sobre a cabeça de Jonas “a fim de o livrar do seu desconforto”. Confia, cheio de gozo, na proteção que lhe oferece uma planta, íntima criatura de Deus, em vez de olhar para Aquele que a preparou.

A seguir, Deus dá a planta como alimento para um verme que também preparou. Todos os fatos são elos na cadeia da Providência divina. O Criador pensa em tudo: em uma planta, em um verme, em um Jonas (que humilhação para o profeta!), em uma grande cidade com todos os seus habitantes e seu rei, nas crianças incapazes de distinguirem entre sua mão direita e sua mão esquerda, no gado numeroso que enchia os currais...

Onde está o seu coração - diz a Jonas, o Pai de todos - em relação ao Meu? Seu egoísmo não lhe deixa ver o que Eu sou e fica irritado. Está agindo bem, fazendo assim? Será que Eu Me irritei com você? O coração de Jonas é julgado.

O justo Jó teve que passar por uma experiência semelhante, da qual a Palavra nos faz conhecer os resultados. Quando encontrou o Deus Criador, o Pai de todos, face a face, disse: “Aborreço-me a mim, mesmo e me arrependo no pó e na cinza”. Jonas, no entanto, diz: “É

razoável a minha ira até a morte”. Esta é a última palavra registrada do profeta.

Os marinheiros navegam felizes e cheios de gozo sobre um mar calmo; Nínive arrependida goza da sua libertação; os olhares do Pai de todos buscam até as mais ignorantes criaturas para abençoá-las; só uma pessoa se mantém afastada: aquele que é nada menos que o depositário dos segredos de Deus.

Ei-lo triste e irritado porque, ao estar ocupado consigo mesmo, desconhece o coração de seu Deus.

Como já dissemos, esta benevolência universal do Pai de todos não é indiferença para com o mal. Esse mesmo aqui “julga segundo as obras de cada um”. Julga aos que se aventuram no ar, confiados na proteção de seus falsos deuses; julga Suas testemunhas que, em seu espírito de desobediência, afastam-se dEle; julga uma nação cheia de “mau caminho e violência”, não conserva a ninguém para salvar a todos os homens e quando a vontade do homem, mais obstinada em um santo do que em um pecador miserável, persiste em opor-se a Ele, em contradizê-lo; Ele, o Pai de todos, não se irrita, mas usa de paciência, de uma aparência da qual não vemos nem o resultado e nem o fim da história.

Assim temos estado estudando este livro, único entre os livros proféticos. Nele temos visto o conjunto da história do homem desde o princípio até ao fim; a história de uma nova criatura caída, mas provida de uma nova vida; a da rejeição de Israel; a das nações do tempo do fim, recebendo o Evangelho do reino e, coroando todo este conjunto, vimos o Cristo ressuscitado dentre os mortos; o Deus Criador, no qual terão esperança todas as nações, e o Deus Salvador, de quem nos é dito: “Pouco é o seres Meu servo... e tornares a trazer os remanescentes de Israel; também te dei como luz para os gentios, para seres a Minha salvação até à extremidade da terra” (Isaiás 49.6).

.oOo.

